

O ESPECTRO

Admonet in somnis et turbida terret imago.
Horrido Espectro me atormenta em sonhos.

Lisboa, 27 de dezembro

... *Teneor patriæ nec legibus ullis.*
Da patria leis nenhuma já me ligam.

O *Espectro* não está sujeito ás leis da terra. Desprendido de toda a ligação com os homens, não lhe importam os seus preceitos. Sombra nua das victimas atormentará sempre os seus oppresores.

O *Espectro* só obedece a Deus — a elle só! A sua voz é como a do archanjo. As hyerarchias desaparecem diante d'elle, o palacio do rei não tem mais privilegio que a cabana do pastor, a inviolabilidade some-se, e o *redde rationem* do Evangelho não tem excepção a favor de nenhuma familia.

Inviolavel, respeitavel só o é a virtude!

O *Espectro* não dirá tudo, porque quando a politica ousa tudo, é impossivel contar tudo; e n'esse caso o silencio não é senão o pejo da historia.

O *Espectro* irá hoje ao paço das Necessidades e em diversas fórmas contará verdades duras, revelará futuros casos. Não tem a presumpção de que o peccador terá emenda, mas a sua missão ficará cumprida, e no dia do juizo tremendo não haverá a allegação da ignorancia.

O *Espectro*! Oh! não será um só, serão muitos. Levantar-se-hão todas as victimas, a muitas das quaes nem lhes terá sido concedida uma sepultura, essas ossadas dispersas em tantos campos de batalha, esses martyres de todas as crenças, e farão as suas imprecações.

Entrarão primeiro os espectros de Torres Vedras, e dirão:

« Morremos todos por via de ti, que te dizes rainha. Eramos populares e defendiamos as prerogativas da corôa, os interesses do povo a quem chamas teu. Morrendo te aclamamos, e tu exauthoraste-nos, e tu mandaste-nos assassinar
« *Ave Casar, morituri te salutant!* »

« Mas a tua victoria será efemera. Essa alegria depressa se converterá em tristeza — é o clarão da luz quando está para se extinguir.

« Por via de ti soffremos o exilio. Quando os teus ministros de hoje aclamavam teu tio, quando nos chamavam republicanos como hoje nos chamam, quando nos cobriam de insultos como hoje nos cobrem, soffriamos nós as mais crueis privações, derramavamos o nosso sangue; e n'essas regiões longinquas eramos nós os unicos subditos que te reconheciamos por nossa soberana. Que nos déstes em troco da nossa dedicação?

« O nosso sangue cahirá sobre ti e sobre a tua descendencia. O teu reinado tem sido um reinado de violencias e desgraças.

« Por via de ti, para te collocarmos no throno, hypothecámos este paiz, que é nosso, á praça de Londres, vendemos as nossas joias, as nossas alfaias, ficámos pobres, arrastados, e viviamos alegres na esperanza de que seriamos livres. Como nos enganámos! Ficámos sem bens e sem liberdade! Derrubámos o tyranno e deixámos em pé a tyrannia. Substituímos o homem e não substituímos o seu governo!»

Entre estes avultava um espectro de postura nobre, collo altivo que nunca se curvára ao despotismo, cabeça que parece topetava nos astros, consciencia pura, coração franco e leal; o seu aspecto era *terribil* como os Albuquerque de que descendera, e em quem poder não teve a morte; seu olhar é torvo, sua voz funda, rouca e sumida á força de bradar áleria contra o despotismo. Este espectro adianta-se e assim falla:

« Não me queixo d'este dôce somno. A morte não tem imperio sobre mim; paguei á patria a minha divida. Ella e tu perderam mais do que eu, porque estou quite. Forcejei sempre por libertal-a, não pude: o meu dever está cumprido.

« Nas horas da angustia chamastes-me aos teus conselhos, deit'os rectos; attendi mais aos teus

Choramos o sangue vertido d'ambos os lados.— Não choramos a causa que a temos ganha desde o começo, que se adianta apesar de repetidas derrotas, que tira forças dos proprios reveses.

O povo e os seus chefes bem mereceram da patria. Generaes, commandantes, officiaes, soldados, voluntarios, todos foram admirados pelos seus proprios inimigos. No campo, nos pontões, nas persigangas, os filhos da liberdade assustam os tyrannos.

Creemos que este revez o foi maior para a côrte do que para nós mesmos.

Quando a rainha soube da morte e aprisionamento dos bravos sahii ás janellas do palacio e como uma bacchante gritou para a sua guarda—*Victoria, victoria.*

No dia da chegada dos prisioneiros sahii a passeio em signal de regosijo—bate o pé no paço e diz que se vencer, a maior parte dos cavalheiros hão de sahir do reino. E se não vencer?

Os antigos reis sahiam da cidade quando ia alguém a justicar: a sobrinha de D. Miguel, a neta de Carlota Joaquina bebe á saúde dos infelizes. D. Pedro tinha grande instincto quando a destinou para esposa do tio d'ella.

O desastre de Torres Vedras não fez senão demorar a solução da contenda, e comprometter a côrte como auctora da conspiração de 6 de outubro, que se declarou absoluta e despotica. Ora lembrem-se que os reis constitucionaes que se declaram absolutos e despoticos perdem por esse facto a inviolabilidade.

Noticias do Porto dão o ex-barão do Casal em Braga, fugido das visinhanças do Porto, e acossado pelas forças populares. Tendo sahido de Villa Real decedido a libertar o Porto, decidiu depois retirar-se precipitadamente.

Parece que se dirige a Valença a esconder den-

tro dos muros d'aquella praça a sua deshonra, se as forças populares lhe não cortarem a passagem, e não o aniquilarem inteiramente. O entusiasmo é geral em todo o paiz a favor da causa popular.

PARTE OFFICIAL

Determina a junta provisoria do governo supremo do reino, em nome da nação e da rainha, que as praças que se apresentarem armadas nos corpos do exercito nacional de qualquer denominação que sejam, não só tenham a garantia da sua baixa, e isempção de todo o serviço militar no fim da presente lucta, passada no acto da apresentação, mas que lhe seja conservado o respectivo pret por espaço de seis mezes depois da escusa do serviço.—Palacio da junta provisoria do governo supremo do reino, no Porto, 26 de novembro de 1846.—*José da Silva Passos*, vice-presidente — *Francisco de Paula Lobo d'Avila* — *Antonio Luiz de Seabra* — *Sebastião d'Almeida e Brito* — *Justino Ferreira Pinto Basto*.

Determina a junta provisoria do governo supremo do reino, em nome da nação e da rainha, que todas as praças que no praso de trinta dias se apresentarem voluntariamente em qualquer dos corpos de linha do exercito, servirão unicamente em quanto durar a presente lucta, ficando para sempre isemptos do serviço militar, sob qualquer denominação que seja, passando-se-lhes a baixa n'este sentido no acto da apresentação para o serviço.—Palacio da junta provisoria do governo supremo do reino, no Porto, 26 de novembro de 1846.—*José da Silva Passos*, vice-presidente—*Francisco de Paula Lobo d'Avila*.—*Antonio Luiz de Seabra*.—*Justino Ferreira Pinto Basto*.—*Sebastião d'Almeida e Brito*.

Quem venceu em Torres Vedras foram uns poucos de centos de cavallos! As forças da rainha teem mais cavallos, as populares mais homens!

A obediencia hoje é forçada, e a força extingue-se. O throno não cahirá, mas hade cahir o rei que tão despoticamente impera.

A França matou um rei, desthronou outro, e a França é monarchica.

A Inglaterra mata e desthrona reis, e a Inglaterra é monarchica.

A Russia assassina imperadores, e a Russia é despotica.

Aprende n'estes exemplos, illudida princeza.

Os regicidas teem sido castigados, mas ainda nenhum rei desthronado subiu ao throno, ainda nenhum justicado resuscitou.

Que importou a Luiz XVI a morte dos convencionaes? Fouché foi regicida, e serviu a Luiz XVIII. Os amigos de Carlos X não se dão muito mal com o governo de Luiz Philippe.

Uma grande catastrophe está imminente. Ninguém pôde prever que diques esta torrente arasará no seu curso.

O *Espectro* não tem paixões mundanas — a sua missão é dizer a verdade, marcar os escolhos. Abri, senhora, a historia, e achareis menos amargas estas verdades.

D. Miguel assim foi: o porto de Sines devia estar pintado no vosso palacio.

Portugal não será republica, mas D. Maria pode deixar de ser sua rainha. Pôde; porque ella rasga os seus titulos, porque ella assume o poder despotico. D. Miguel tambem era inviolavel e sagrado.

O *Espectro* terá esta mesma linguagem com o povo, quando elle não fôr nobre e generoso, quando se extraviar dos bons principios. Os seus crimes podem perdello, a sua virtude só é que o pode salvar.

Temos cumprido hoje a nossa missão.

Arranjou-se em fim a parte official da acção de Torres Vedras, e ahi corre hoje publicada no *Diario do Governo*.

O governo deu sómente o numero dos seus mortos. E' o seguinte:

Mortos	homens	57 e 16 cavallos
Feridos.....	homens	316 e 26 cavallos
Extraviados.....	homens	13 e 5 cavallos
Total		homens 386 e 47 cavallos

Parece que os mortos do partido liberal foram mui poucos.

As forças liberaes que depozeram as armas, segundo a mesma parte official, são — 900 homens de infantaria, 400 caçadores, 220 cavallos.

A divisão do conde do Bomfim, como se demonstra pelos mappas officiaes, constava de

quatro mil quatrocentas e tantas praças. Parece pois que mais de dois mil homens retiraram, e se foram unir á brigada do conde das Antas.

Não podemos dar a parte circunstanciada d'esta acção. Não a podemos dar porque os expressos que vão para Torres Vedras não voltam, e não voltam porque o Saldanha os prende para não virem contar os horrores que lá se praticaram.

As forças da rainha deram saque, e não respeitaram mulher nem donzella. Na invasão dos francezes houve mais respeito á propriedade e ao pudor.

Pelos prisioneiros tambem não podemos saber nada. Chegaram ahi os condes do Bomfim, de Villa Real, general Celestino e outros, metteram-nos na presiganga, nos pontões, e pose-ram-nos incommunicaveis!!!

É a primeira vez que se tratam assim os valentes militares portuguezes!

Temos em quem fazer represalias. A junta do supremo governo do reino deve immediatamente metter n'um pontão, e pôr incommunicaveis o duque da Terceira e outros presos rebeldes, que tem em seu poder.

O ministerio recebeu que os illustres prisioneiros dissessem o que acontecera. Uma victoria tão estrondosa, e tantas precauções depois d'ella?!

Corre que o governo não quizera até aqui publicar a parte official, porque era horrorosa para os seus mesmos, e que pedira ao Saldanha que a modificasse. Diz-se que d'alguns corpos cabralistas poucos soldados ficaram, e quasi nenhuns officiaes, e que o exercito obsolutista ficára em estado de não poder operar muito facilmente.

A mortandade no exercito constitucional foi muito menor.

Os officiaes cabralistas, que assistiram ao combate são conformes em asseverar que nunca se vira maior bravura e coragem que a que desenvolveram os soldados e populares do exercito liberal. Deram immensas cargas de bayoneta, e quebrando-se as armas a alguns soldados, viram-se com a bayoneta na mão, alguns com duas cahir sobre os inimigos da liberdade.

Esta acção foi uma acção gloriosa para a causa do povo!

Muitos valentes dormem o somno eterno, é verdade; mas a sua memoria será bendita, e a patria ha de lhes entoar canticos de louvor.

Fomos infelizes, confessamo-lo. Morreram muitos defensores da patria, mas ella não morreu com elles, porque ainda restam muitos valentes, ainda sobra muita dedicação, muito sangue generoso.

Fomos vencidos n'um combate parcial. Sentimo-lo muito. Cobre-se-nos o coração de dôr, porque choramos tanta vida perdida, tanta viuva desamparada, tanto orfão desvalido.

interesses que aos meus: ajudei a dar-te uma corôa, e levo para o tumulto a minha honrada pobreza. Vi-te humilde nos momentos da afflicção, choravas sobre a tua sorte, supplicavas: affrontei por via de ti as ondas populares, disse á revolução que parasse e ella fez alto. N'este remanso de paz urdiste uma emboscada, atraícoastes o povo, e eu que fiquei por teu fiador, fui com a corda ao pescoço entregar-me a elle, esposar a sua causa e salvar a minha honra já que te não podia salvar o throno. Nem te amo nem te odeio—Lamento-te. Tiraste-me as honras mas não me podestes tirar a honra. Foste o que os reis costumam ser, nescios e ingratos. Assim mesmo por amor da minha patria exclamarei com o rei profeta:

«*Deus judicium tuum regi da.*»

Entrarão depois os espectros do exercito cabralista e dirão:

«Morremos e nem uma lagrima de compaixão por nós, nem uma *requiem*. Nossas esposas desoladas, nossos filhos desamparados, e tu festejas com beijamão o seu lucto, a sua orfandade. A sorte do pobre Dâmião criado de um teu criado, que se deitou a afogar, mandaste-la cantar em prosa e em verso; e para nós nem sequer a mais leve commemoração—nem o ultimo adeus. Affliges-te com a mais ligeira indisposição do teu valido, magoa-te a doença do teu cão, e nem ao menos dás noticia da nossa morte, para que os fieis orem pelo nosso descaço eterno!

«Morremos como os bravos só por via da obediencia—obediencia mal entendida que nos fez atirar aos nossos irmãos, e que Deus logo castigou—obediencia para opprimir um povo, obediencia para destruir as liberdades patrias! Deus nos perdoe, a nação nos desculpe. Por quem e contra quem combatemos nós? Que nos importava o nós a emboscada de 6 de outubro? Em que melhora o paiz sendo ministro este ou aquelle?»

Apoz estes virão os espectros de todos os que morreram nas batalhas da restauração. Dirão os liberaes:

«Rainha, aonde está a liberdade por que combatemos? Derramámos o noso sangue para legarmos a nossos filhos o regimen constitucional, e tu destroe-lo? Não vês alli a sombra do coronel Pacheco que te accusa? Não vês os ossos mirrados, as caveiras carcomidas de tanto soldado voluntario? Esse fideicommisso entregue á tua lealdade como o has cumprido?»

Dirão depois os absolutistas:

«Princeza, para que nos enganastes? Porque não disseste que desejavas o absolutismo, que

não combateriamos contra ti mas a teu lado? Porque não disseste que só querias o throno que occupava teu tio com o seu sceptro de ferro, mas que não abjuravas a sua fórma de governo? A questão era pessoal, era um negocio de ambição, e nós consideravamo-la como de principios! Combatemos contra ti porque te julgámos liberal: não te perdoamos o engano, porque morremos e ficámos vencidos quando a nossa causa triunfou.»

Apoz esta terrivel visão apparece o genio de D. Pedro. Esse não amaldiçoa, chora. Vê que a liberdade que plantára, fenece; que o throno que conquistára, vai a pique; que os seus inimigos imperam; que sua filha arrasta e macula o manto real que mãos populares lançaram sobre seus hombros.

Que vos parece, senhora d'esta visão? Não tremeis do que ouvís? As maldições de tantas victimas sacrificadas pelo vosso capricho mulhêril não vos espantam?

O *Espectro* vo-lo annuncia, senhora. O vosso reinado tem sido deploravel, e ha de terminar de um modo desastroso.

O *Espectro* não receia as vossas iras. Não o exaouthoraes—ha de dizer-vos a verdade, e se não a quizerdes ouvir, nem por isso as cousas deixarão de seguir o curso que lhes está marcado por Deos.

O *Espectro* ha de sentar-se comvosco á vossa mesa sem vos agradecer a honra do convite, ha de metter no prato a mão mirrada, ha de mexer as vossas iguarias, ha de entrar de noite no vosso aposento, ha de dormir comvosco no vosso leito, ha de perturbar o vosso somno, ha de levantar-se comvosco, ha de ser emfim a vossa sombra! Haveis de gritar, e ninguem vos ha de acudir—as viúvas hão de olhar para vós sem compaixão, porque lhes matastes seus maridos, as orfãs desvalidas hão de vêr vingada a morte de seus pais, e todos verão nas vossas penas o castigo do Senhor.

Portugal não ficará sem rei, mas vós podeis ficar sem throno. Tanto rei desthronado por muito menos do que vós fazeis! O *Espectro* não o deseja, mas é provavel que aconteça, e a nossa profecia é fundada nas vossas acções.

Está um paiz inteiro não contra vós, mas contra o vosso governo. A vós accusam-vos porque fazeis causa commum com elle, porque o alvergaes no vosso paço, porque sois rainha de facção, porque vos deixaes dirigir por um valido estulto.

A nação não será vencida por um estrangeiro. O reinado de Fernando II será como o do primeiro, porque um é tão fraco como o outro. A nação tira força dos seus mesmos revezes.

A nação não consiste n'uma divisão de dous ou tres mil homens; a nação não é o Saldanha com outros tres ou quatro mil; a nação não é uma força superior de cavallaria.